

MEMÓRIAS CANTADAS:

Os pontos cantados na Umbanda como forma de preservação da cultura de terreiro¹

Anderson Vieira²

RESUMO

Este trabalho busca compreender os pontos cantados como preservação da memória de um povo que sofreu apagamento e que, por meio de sua musicalidade, resistiu ao sistema. A partir do levantamento bibliográfico, utiliza-se das contribuições de Muniz Sodré, Luiz Antônio Simas e Antônio Bispo dos Santos para a compreensão da memória e da cultura dos terreiros, e de Luiz Beltrão e Marques de Melo para o entendimento dos pontos cantados como ferramentas populares de comunicação. Como resultados, apresenta os pontos como confluência e mecanismo de comunicação para a resistência e preservação da memória do povo de terreiro.

PALAVRAS-CHAVE:

Folkcomunicação; pontos cantados; confluência, cultura de terreiro.

CORPO DO TEXTO

A Umbanda, formada por povos marginalizados ao longo da construção do Brasil, tem como um de suas principais referências o culto aos ancestrais e ao conhecimento propiciado por eles. Desde a formação do Brasil, pautada pela escravidão de corpos negros e indígenas, sujeitos foram dominados e obrigados a trabalhar para que o país fosse repensado a partir dos padrões europeus. Cida Bento (2022) destaca que, mesmo forçados a virem para uma terra desconhecida e obrigados a trabalhar sem remuneração, tais indivíduos construíram muito, mesmo em situações adversas. Tendo em vista as imposições da cultura europeia, tudo o que era de origem africana e indígena passou a ser visto como barbárie e, por isso, criminalizado — a religião, a alimentação, o canto e a dança. Dessa forma, obrigados a aprender uma língua nova e sem acesso à educação

¹ Trabalho apresentado para o GT 4 – Futuros Ancestrais, integrante da programação da 22ª Conferência Brasileira de Folkcomunicação – Folkcom 2025, realizado de 29 a 31 de outubro de 2025.

² Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba. Membro do Grupo de Pesquisa Comunicação Urbana e Práticas Decoloniais. E-mail: andersonmestrado@gmail.com.

formal, os povos desenvolveram meios para comunicar-se e resistir às forças opressoras. A respeito dos grupos populares, Beltrão (1980) também aborda o debate das situações ocorridas ao longo da história da colonização do Brasil, que excluiu determinados grupos sociais. O autor lembra que, mesmo com a exclusão, os grupos foram encontrando formas de reproduzir suas culturas de origem ao novo contexto social e de opressão. Nogueira (2020), ainda enfatiza que toda essa perseguição e intolerância a cultura negra é proposital uma vez que as instituições hegemônicas sabem que um território afrobrasileiro, negro se torna um lugar de luta, resistência, saúde mental e espiritual, e toda a busca pela ancestralidade roubada o que se torna uma ameaça ao sistema hegemônico. A comunicação popular desses grupos, tornou-se uma ferramenta para interpretar as mensagens dominantes e adaptá-las para alcançar as áreas mais afastadas, tal como indica o processo da Folkcomunicação, a partir de Luiz Beltrão (1980). Segundo o autor, o que caracteriza os processos folkcomunicacionais é que “as mensagens são elaboradas, codificadas e transmitidas em linguagens e canais familiares à audiência, por sua vez, conhecida psicológica e vivencialmente pelo comunicador, ainda que dispersa” (Beltrão, 1980, p. 28).

As Umbandas têm como referência as culturas dos povos centro-africanos³ trazidos pela diáspora e que seguem uma cosmovisão conhecida como “*minika ye minienie*”. Segundo Tiganá Santana (2019), trata-se do culto aos mortos, aos espíritos da natureza e aos ancestrais, partindo da percepção de que o mundo visível e invisível são compostos por ondas e radiações. Os sacerdotes, assim, observavam tanto a natureza visível quanto as forças invisíveis, associadas às radiações perceptíveis, como aquelas emanadas de um asfalto quente. A linguagem e os códigos dessa comunicação espiritual chegam por ondas sonoras, como as emitidas pela musicalidade presente no dia a dia, nas celebrações religiosas, no cotidiano e até nas manifestações militares das culturas centro-africanas. Nei Lopes (2020) destaca que a tradição africana dá à palavra um valor fundamental e sagrado, de origem divina, ampliando-a para ir além de simples relatos históricos ou contos. Dessa maneira, a oralidade torna-se acessível e abrangente para todas as pessoas, sendo central para a preservação e transmissão do saber.

³ Grupos étnicos localizados na parte central do continente africano, que são compostos por três principais grupos sendo Congo, Ambundu, Ovinbundu. Esses povos possuem aproximações culturais e de cosmo percepção que formaram a base da cultura da Umbanda.

Sodré (1998) aponta o som e o ritmo como elementos essenciais para a cultura africana, conduzindo o Axé⁴ e garantindo a continuidade e manutenção da cultura por meio do corpo, do ritmo e do som. Segundo Sandro da Costa Mattos (2005), os pontos são preces cantadas que mobilizam as energias naturais e auxiliam nos trabalhos espirituais e rituais umbandistas. Dessa maneira, entende-se que a musicalidade e, especialmente os pontos cantados, são uma importante ferramenta de comunicação e memória do povo de terreiro. Sodré (2019) define o terreiro como um território que busca a identidade e a demarcação de limites para representar e fortalecer grupos marginalizados, preservando uma cultura perseguida e oprimida. Stuart Hall (1992) complementa esta ideia, ao indicar que identidade não é apenas uma questão biológica, mas histórica e social, relacionada ao pertencer a uma cultura étnica, religiosa ou racial e construída por uma relação de pares, num processo contínuo de fortalecimento e continuidade cultural. Hall (2009) também afirma que as identidades são construídas no discurso de semelhantes para produzir e legitimar lugares históricos e institucionais, enquanto prática discursiva e iniciativa específica. O autor ainda enfatiza que as identidades são produzidas por meio dos recursos da história, da linguagem e da cultura, o que permite representar essa identidade de forma justa, evitando distorções sobre as culturas de terreiro. Dessa forma, a identidade torna-se um ponto de encontro entre semelhantes, fortalecendo os vínculos coletivos e o reconhecimento das tradições marginalizadas.

Dentro do espaço religioso, a transmissão de saberes ocorre de maneira popular e direta. Peruzzo (2024) afirma que a comunicação popular tem como objetivo promover melhorias na qualidade de vida e estabelecer uma comunicação mais horizontal, que valorize as vozes das categorias populares e enfrente a lógica hegemônica, voltada ao mercado e ao lucro. No entanto, muitos setores sociais reprimem essa forma de comunicação justamente por ela possibilitar que os grupos oprimidos desenvolvam consciência crítica e capacidade de mobilização diante de situações de injustiça, como o racismo e outras formas de exclusão. A autora destaca que essa comunicação se configura como um processo formativo, no qual o ato de comunicar transforma a vida das pessoas e as torna sujeitas à sua própria história. A educação, nesse contexto, não se limita à

⁴ Força sagrada carregada pelos orixás e a energia vital presente em toda a natureza.

recepção de mensagens, mas no ato de comunicar, onde se constroem coletivamente os significados e saberes compartilhados. Assim, entende-se que os pontos cantados são práticas fundamentais nas Umbandas e nas demais religiões de matriz africana, e que podem ser compreendidas a partir da Taxonomia da Folkcomunicação, apresentada por José Marques de Melo (2013). De acordo com o autor, os canais se dividem em quatro categorias sendo elas, folkcomunicação oral, escrita, icônica e cinética. Melo (2013, p. 90) apresenta que “[...] esses canais podem ser entendidos como o “conjunto de manifestações simbólicas determinadas pela combinação do canal e da audiência”.

Os pontos cantados podem ser lidos a partir da categoria Folkcomunicação Oral, que se trata de uma comunicação marcada por músicas, rezas e prosas captadas pela escuta e perpetuadas através das gerações. Essa prática representa uma comunicação artesanal, não formal, feita por e para comunidades populares, utilizando elementos orais, corporais e escritos para tornar a mensagem clara e acessível ao público. Beltrão (1980, p. 58) destaca que esses códigos populares “podem valer-se de outros códigos específicos, como o gráfico, o mímico, o plástico ou o tátil e até frequentemente combiná-los, para tornar mais clara e efetiva a mensagem”. No caso dos pontos cantados, os códigos mímico e tátil se destacam nos terreiros.

Compreendendo a Umbanda e seus pontos cantados como elementos que são passados de geração em geração pela oralidade, temos o que Antônio Bispo dos Santos (2023) define como confluência, ou seja, uma energia de troca e compartilhamento, assim como o rio, que não deixa de ser rio quando confluyente, mas amplia e fortalece seu percurso. É por essa confluência que os pontos cantados continuam vivos e são preservados ao longo das gerações. Sodré (1998) complementa ao destacar que a forma musical tem um significado integrador nas culturas tradicionais africanas, promovendo uma comunicação dinâmica com outros sistemas semióticos como cores, gestos, danças, palavras e objetos. Dessa maneira, a técnica musical e percussiva não só determina uma posse do tempo, mas também reafirma a vida e simboliza a morte. Para o autor (1998, p. 23): “Cantar/dançar, entrar no ritmo, é como ouvir os batimentos do próprio coração, é sentir a vida sem deixar de nela reinscrever simbolicamente a morte”. Nesse sentido, os pontos cantados nos rituais de terreiro, podem também ser lidos a partir do gênero da folkcomunicação cinética, uma vez que no espaço não se separa a música dos demais elementos presentes. Como coloca Melo (2008), nessa categoria é possível encontrar

formatos de agremiação, celebração, distração, manifestação, folguedo, festejo, dança e rito de passagem.

Posto assim, este trabalho evidencia a importância do ponto cantado como uma prática de confluência, nos termos propostos por Antônio Bispo dos Santos, a partir da comunicação popular. É uma prática folkcomunicação oral e cinética que preserva a memória de gerações uma cultura frequentemente perseguida e invisibilizada, desde o período escravagista. Quando corpos negros e indígenas foram impedidos de escrever sua própria história, a voz tornou-se o caminho de sobrevivência cultural. Nesse sentido, os pontos cantados não apenas evocam forças espirituais, mas também resgatam narrativas que o colonialismo tentou apagar. Cada ponto cantado se torna um conhecimento que circula, resiste e educa, fortalecendo a identidade coletiva de um povo que persiste mesmo diante do silenciamento do sistema. Conforme destaca Antonio Bispo dos Santos (2023, p. 102) “Somos povos de trajetórias, não somos povos de teoria. Somos da circularidade: começo, meio e começo. As nossas vidas não têm fim. A geração avó é o começo, a geração mãe é o meio e a geração neta é o começo de novo”. Deste modo, os pontos cantados são elos entre as diferentes gerações de povos de terreiro.

REFERÊNCIAS

- BELTRÃO, L. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez Editora, 1980.
- BENTO, C. **O Pacto da branquitude**. Companhia das letras. 2022
- BISPO DOS SANTOS, Antônio. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora, 2023. 110p.
- HALL, S. Quem precisa da identidade?. In: SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p. 103-133
- LOPES, Nei. **Enciclopédia brasileira da diáspora africana**. São Paulo. Selo Negro Edições. 2011
- MATTOS, S. C. **O livro básico dos ogãs**. São Paulo. Ícone Editora: 2005.
- MELO, J.M; FERNANDES, G.M. **Metamorfose da folkcomunicação: antologia brasileira**. São Paulo. Editaê: 2013.
- MELO, J.M. **Mídia e cultura popular: história, taxionomia e metodologia da Folkcomunicação**. São Paulo: Paulus, 2008.
- NOGUEIRA, S. **Intolerância religiosa**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

PERUZZO, C. **Fundamentos Teóricos da comunicação popular, comunitária e alternativa.** Espírito Santo: Editora Universitária EDUFES, 2024.

SANTOS, Tiganá Santana Neves. **A cosmologia africana dos bantu-kongo por Bunseki Fukiou: tradução negra, reflexões e diálogos a partir do Brasil.** 2019. 234p. Tese de Doutorado – Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade São Paulo, São Paulo, 2019.

SIMAS, L. A. **Umbandas: Uma história do Brasil.** Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira: 2021.

SODRÉ, M. **Samba, O dono do corpo.** Mauad editora. 1998.

_____. **O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira.** Mauad editora, 2019.